



O STATUS DO NÃO NASCIDO NUMA PERSPECTIVA ADVENTISTA

ISAAC MALHEIROS¹

Resumo: Este artigo pretende, por meio da análise do texto bíblico em suas línguas originais e uma pesquisa bibliográfica, verificar como o não nascido é considerado na Bíblia. A pesquisa, numa perspectiva adventista, se justifica dada a diversidade de opiniões sobre o tema e a recente publicação de uma declaração sobre o assunto pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Para atingir os objetivos, esta pesquisa fará uma apresentação do histórico da discussão, e, em seguida, procederá à análise do texto bíblico. Com base nas evidências coletadas neste artigo, é possível concluir que o não nascido tem o status de um ser humano na Bíblia.

Palavras-chave: Nascituro; Aborto; Antropologia Bíblica.

THE STATUS OF THE UNBORN IN AN ADVENTIST PERSPECTIVE

Abstract: This article intends, through the analysis of the biblical text in its original languages and a bibliographical research, to verify how the unborn are considered in the Bible. The survey, from an Adventist perspective, is justified given the diversity of opinions on the topic and the recent publication of a statement on the matter by the Seventh-day Adventist Church. To achieve the objectives, this research will present the history of the discussion, and then proceed with the analysis of the biblical text. Based on the evidence collected in this article, it is possible to conclude that the unborn have the status of a human being in the Bible.

Keywords: Unborn Child; Abortion; Biblical Anthropology.

¹ Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Docente da Faculdade Adventista do Paraná (Ivatuba-PR). Contato: pr_isaac@yahoo.com.

1. Introdução

Os primeiros adventistas viam o não nascido como um ser humano pleno, eram claramente contrários ao aborto, e escreveram sobre isso. A posição dos pioneiros adventistas sobre não pegar em armas e não combatência repousava sobre o mesmo fundamento da posição deles contra o aborto: a santidade da vida humana e o sexto mandamento.

Vários artigos da *Advent Review and Sabbath Herald* trataram do tema do aborto, descrevendo o não nascido como humano e o aborto como assassinato intencional: “O assassinato intencional de um ser humano em qualquer estágio de sua existência é assassinato” (TODD, 1867, p. 29-30, tradução nossa).

Outro artigo afirmou, em 1869, que “Um dos pecados mais chocantes, e mais comuns desta geração, é o assassinato de bebês não nascidos”, e concluiu que “[...] Deus não passará despercebido pelo assassinato de tais crianças” (ANDREWS, 1869, p. 184, tradução nossa). Em 1870, Tiago White editou um livro que descrevia o aborto como “prática pior do que diabólica”, “crime mais básico”, “destruição dos bebês”, “pecado” e “assassinato” (WHITE, 1870, p. 100, tradução nossa).

O médico adventista John Kellogg, em 1894, defendeu a posição de que a vida humana começa na sua concepção, e acabar com essa vida é assassinato:

A partir deste momento, adquire o direito à vida, um direito tão sagrado que em toda terra violar é incorrer na pena da morte. Quantos assassinos e assassinas ficaram impunes! Ninguém, a não ser Deus, conhece a extensão deste crime hediondo; mas o Avaliador de todos os corações conhece e lembra de cada um que assim transgrediu; e no dia da avaliação final, qual será o veredicto? Assassinato? Assassinato, assassinato de crianças, matança de inocentes mais cruel que a de Herodes, mais sangue frio que o assassino da meia-noite, mais criminoso que o homem que mata seu inimigo – o mais desnatural, mais desumano, mais revoltante dos crimes contra a vida humana (KELLOGG, 1894, p. 424-425, tradução nossa).

Nos escritos de Ellen G. White parece não haver nenhuma afirmação direta sobre o aborto, mas ela fez declarações que podem ser relacionadas ao tema, como a declaração sobre a sacralidade da vida humana em qualquer fase do seu desenvolvimento:

A vida é misteriosa e sagrada. É a manifestação do próprio Deus, fonte de toda a vida. Preciosas são as oportunidades que ela encerra, e devem ser zelosamente aproveitadas. Uma vez perdidas, desaparecem para sempre. [...] Deus olha o interior da pequenina semente que Ele próprio criou, e nela vê encoberta a bela flor, o arbusto ou a grande e frondosa árvore. Assim vê Ele as possibilidades em toda criatura humana (WHITE, 1989, p. 397).

Ela apela à dignidade da vida humana para justificar para o estabelecimento da pena de morte como punição do homicídio no Antigo Testamento: “A segurança e pureza da nação exigiam que o pecado de homicídio fosse severamente punido. A vida humana, que apenas Deus podia dar, devia, de maneira sagrada, ser guardada” (WHITE, 1995, p. 377).

Ao comentar sobre os vestidos de argolas usados em meados do século XIX, que apertavam a cintura das mulheres, ela declarou: “Nunca foi praticada tal iniquidade como essa desde essa invenção de [vestidos de] aro, nunca houve tantos assassinatos de crianças [murders of infants]” (WHITE, 1861, tradução nossa). Esses “assassinatos de crianças” podem ser uma referência aos abortos provocados por essa moda.

Ela também afirma que mulheres grávidas “vão considerar que outra vida depende delas e serão cuidadosas em todos os seus hábitos e especialmente na dieta” (WHITE, 2007, p. 257). Essa declaração sugere que o não nascido é um indivíduo, pois trata-se de “outra vida”.

Ao alertar para o perigo de mulheres grávidas usarem bebida alcoólica, ela faz uma afirmação que leva em conta a saúde do não nascido, e evidencia que atentar contra a vida no não nascido é pecado: “Cada gota de bebida forte ingerida [por uma mulher grávida] para satisfazer seu apetite, põe em risco a saúde física, mental e moral do filho, e é um pecado direto contra seu Criador” (WHITE, 2002, p. 217).

Uma citação é especialmente interessante: ao falar sobre o risco de deixar uma mulher trabalhar excessivamente durante a gravidez, Ellen White declara:

Caso o pai procurasse conhecer as leis físicas, compreenderia melhor suas obrigações e responsabilidades. Veria que havia sido culpado quase de matar [em inglês, murdering] seus filhos mediante o permitir que tantos fardos impendessem sobre a mãe, e compelindo-a a trabalhar além de suas forças antes do nascimento das crianças, a fim de obter meios para lhes deixar (WHITE, 2001, p. 429-430).

O texto em inglês diz literalmente que o pai veria “que ele tinha sido culpado de quase assassinar seus filhos” ao fazer a mãe trabalhar demais “antes do nascimento deles”.

Nesse texto, Ellen White não está condenando especificamente o aborto, mas ao falar sobre o quase assassinato dos fetos, e ao chamar os fetos de filhos/crianças (children), ela indica que via o não nascido como plenamente humano. Mas esse permanece sendo um tópico ainda a ser explorado nos escritos de Ellen White.

Apesar da posição dos pioneiros, novas compreensões surgiram entre os adventistas. Em 1957, o livro *Questions on Doctrine* declarou que: “Vem à existência uma nova alma toda vez que nasce uma criança” (IASD, 1957, p. 512). Ou seja, o status de “alma vivente” começa apenas após o nascimento. Essa declaração pode implicar que o não nascido não tem o mesmo status da criança nascida.

Uma declaração mais ousada foi feita durante o debate acerca da posição oficial da IASD sobre o aborto na década de 1970. O documento preparado por médicos e teólogos sugeriu à comissão que estudava o tema o seguinte: “A posição Adventista reconhece que nenhuma passagem bíblica expressamente condena o aborto ou fala de um homem como plenamente humano antes do nascimento (ABORTION COMMITTEE REPORT, 1971). O documento cita Ex 21:22-25, e conclui que “deve ser notado que o feto não era considerado uma vida humana até o ponto onde ‘vida por vida’ deveria ser exigido. Assim uma distinção é feita entre a destruição de um feto e a morte de uma pessoa” (ABORTION COMMITTEE REPORT, 1971).

Essa, porém, não parece ser a visão do Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia, publicado no Brasil em 2011. Num artigo sobre o estilo de vida e a conduta cristã, Kis (2011, p. 780) afirma que “os contraceptivos devem ser usados para impedir a concepção, e não para abortar fetos”.

A justificativa é que a vida humana vem de Deus (Gn 1:26, 27; 2:7; Sl 36:9; At 17:25, 28), Deus é o proprietário da vida (1Co 6:19-20), e a vida tem propósito especial (Gn 1:29, 30; Sl 8:4-9), propósito que se revela muito cedo, ainda no ventre (Jr 1:5; Lc 1:15; Gl 1:15). Segundo Kis (2011, p. 780): [...] o aborto não deve ser considerado um método de planejamento familiar. Só em situações extremas pode ser procedimento justificável. Dentre esses casos estão a gravidez infantil, a gravidez sob circunstâncias criminosas e o aborto para salvar a vida da mãe.

Ao expor o conceito adventista de casamento e família, Rock (2011, p. 821) afirma que “o aborto tem que ver com o término da vida e se converte numa questão teológica”. Acrescenta que Deus se preocupa com a proteção dos indefesos (Pv 24:11-12; Tg 1:27), e que “a vida de

uma criança ainda não nascida deve ser respeitada devido à sacralidade inerente a toda vida humana” (ROCK, 2011, p. 821).

Em 1992 a IASD votou uma declaração sobre aborto que, apesar de considerar o não nascido como uma “vida humana pré-natal” e não endossar abortos “por motivo de controle natalício, escolha do sexo ou por conveniências”, não deixava explícita a visão bíblica sobre o status do não nascido (IASD, 2005, p. 117-120). Por causa disso, em 2019 outro voto foi tomado, aprovando o documento Declaração sobre a visão bíblica da vida intrauterina e suas implicações para o aborto. Esse documento mais recente reafirma o valor da vida humana de “crianças não nascidas”, diz que “Deus considera a criança que não nasceu como vida humana”, e que a “vida pré-natal é preciosa aos olhos de Deus” (IASD, 2019). As diferenças entre os dois documentos são nítidas.

Portanto, é evidente que não há um consenso sobre o tema entre os adventistas, e que ainda há um vasto campo de pesquisa nesse assunto. Esse assunto antecede decisões éticas e pragmáticas, e a teologia adventista não deveria se sentir marginalizada ou acuada pela cultura, mas levar cativo todo pensamento para torná-lo obediente a Cristo (2Co 10:5).

Este estudo pretende verificar se é verdade que nenhuma passagem bíblica fala do homem como plenamente humano antes do nascimento, e se o nascituro não é considerado uma vida humana na Bíblia. Não será discutido especificamente o tempo a partir do qual um embrião/feto/bebê pode ser considerado uma vida humana (apesar do estudo tocar tangencialmente nesse tema).

Para este estudo bíblico a respeito do status do nascituro na Bíblia, será utilizado um software de pesquisa nas línguas originais (BIBLEWORKS, 2015) e léxicos de hebraico e grego bíblicos (BALZ; SCHNEIDER, 1990; BROWN, 1996; FRIBERG, 2000; GINGRICH; DANKER, 1984; HOLLADAY, 1971; LIDDELL; SCOTT, 1996). O texto hebraico utilizado será o da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 5ª edição (ELLIGER; RUDOLPH, 1997), e o texto grego será o da 28ª edição do Novum Testamentum Graece (NESTLE; ALAND, 2012). A não ser no caso de indicação contrária, os textos bíblicos citados neste artigo serão da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição (1993) Por questão de espaço, este estudo não será exaustivo e não avaliará a literatura extrabíblica judaica ou cristã.

2. A Linguagem Utilizada para referir-se aos Não Nascidos

A linguagem utilizada na Bíblia para referir-se ao não nascido é semelhante à linguagem utilizada para falar de um indivíduo já nascido, atribuindo características individuais e personalidade ao nascituro. Este artigo vai analisar alguns exemplos.

2.1. A Natureza Pessoal do Não Nascido

Falando sobre os não nascidos Esaú e Jacó, Deus afirma que havia “dois povos”, “duas nações” no ventre de Rebeca (Gn 25:23). Deus viu mais que dois não nascidos, viu a história, a personalidade e a descendência deles. Ao lembrar a história deles, a Bíblia considera que o Jacó de dentro do útero é o mesmo Jacó adulto: “No ventre da mãe, segurou o calcanhar de seu irmão; no seu vigor, lutou com Deus” (Os 12:3). Não há diferença na individualidade e na personalidade do nascido e do não nascido, ambos são “Jacó”.

Sansão já era nazireu “desde o ventre de sua mãe” (Jz 13:5, 7; 16:17), sujeito às restrições do nazireado (e, por isso, sua mãe teve que se submeter às restrições também; Jz 13:4, 7). O nazireado era igual para ambos, o nascituro e o nascido. “Desde o ventre” no Antigo Testamento,

por vezes, parece ser uma expressão idiomática para indicar “desde o início”, “desde a origem”, “desde muito tempo” (por ex., Jó 31:18), mas não nesse caso, onde o sentido é literal.

Na concepção, e não apenas no nascimento, Jó já era considerado um “homem” (geber): “Pereça o dia em que nasci e a noite em que se disse: Foi concebido [harah] um homem [geber]!” (Jó 3:3). O verbo aqui é *harah*, conceber, utilizado também para a gravidez de Hagar (Gn 16:4), e para a gravidez de Tamar (Gn 38:18). Ao lamentar sua existência, Jó conecta seu nascimento e sua concepção como itens paralelos de uma mesma unidade. Tanto sua concepção no ventre de sua mãe quanto seu nascimento são parte integrante do que ele é. Davi também liga nascimento e concepção: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51:5). Além disso, a palavra hebraica *geber* é geralmente usada para indivíduos adultos (cf. Jó 3:23; 4:17; 10:5; 34:7; Sl 127:5; 128:4, e outros). Ao aplicar *geber* ao nascituro, o Antigo Testamento indica que se trata de algo mais significativo que um amontoado de células e tecidos.

Em Jó 10:18-19, ele diz que se tivesse morrido ao sair do ventre da mãe, teria sido “como se nunca existira”. Ou seja, aqui aparentemente ele despreza o período anterior ao nascimento, não o considerando como existência. No entanto, Jó também se refere a esse período anterior ao nascimento com expressões pessoais (“se eu morresse”, “me vissem”, etc.), mostrando que quem estava no ventre era ele mesmo. Além disso, ele faz uma comparação levantando uma mera hipótese do que teria sido, usando a partícula *como*. Em outras palavras, ele seria como se nunca tivesse existido, mas não de fato. Essa teria sido a impressão provocada se ele tivesse nascido morto.

Jeremias foi consagrado e constituído profeta antes de sair do ventre: “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jr 1:5). Ele foi tratado por Deus como pessoa no ventre.

O próprio Jeremias considera que o que estava no ventre era ele mesmo, e que a morte no ventre seria a sua morte: “Por que não me matou Deus no ventre materno? Por que minha mãe não foi minha sepultura?” (Jr 20:17, ênfase acrescentada).

O Novo Testamento segue a mesma tendência. Por exemplo, João Batista já era cheio do Espírito Santo no ventre materno, antes do seu nascimento: “Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno” (Lc 1:15, ênfase acrescentada). João Batista tinha seis meses no ventre da mãe (Lc 1:24, 26, 36) quando reagiu à presença de Maria e do não nascido Jesus, que tinha menos de três meses no ventre de Maria. O relato diz que Maria resolveu visitar Isabel “naqueles dias”, ou seja, num período próximo ao começo da gravidez de Maria (Lc 1:39). Ela ainda ficou mais três meses com Isabel, até o tempo do nascimento de João Batista. Há natureza emocional e personalidade no não nascido em Sl 139:13-16:

Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isso com convicção. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir”.

Destaca-se a primeira frase, Deus criando o “íntimo de meu ser”, ou as “partes interiores”, literalmente “os rins” (*kilyah*). Metaforicamente, essa é uma expressão que indica as emoções, o “coração dentro de mim” (Jó 19:27), a mente e os afetos do ser humano, que podem ser sondados por Deus (Sl 7:9; 26:2; Jr 11:20; 17:10; 20:12).

Apesar da evidente linguagem poética, diante de Sl 139:13-16 é difícil rebaixar o status do ser humano não nascido. Nesse texto está a única ocorrência de golem (embrião, ou “substância sem forma”) na Bíblia. Na única vez que o Antigo Testamento fala especificamente de um embrião, a descrição é poética e grandiosa.

Uma natureza moral já está vinculada ao nascituro desde a sua concepção em Sl 51:5 (cf. Rm 5:12-19): “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe”. Ao refletir sobre o pecado em seu coração, o salmista adulto reconhece que o pecado de seu coração não é algo recente, mas volta ao ponto de sua concepção no ventre de sua mãe. Tal estado moral contínuo só poderia ser atribuído a uma pessoa humana no ventre. Os ímpios também já são pecadores desde o ventre (Sl 58:3; Is 48:8).

Além disso, há na Bíblia a descrição da relação de Deus com não nascidos. O salmista declara: “Sobre ti fui lançado desde a madre; tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe” (Sl 22:10). E o apóstolo Paulo afirma: “Mas Deus me separou desde o ventre materno e me chamou por sua graça. Quando lhe agradou” (Gl 1:15).

2.2. Os Nascituros e os Nascidos são igualmente “Filhos”

No Antigo Testamento, os nascituros são chamados de ben, são “filhos” da mesma forma que os já nascidos (2Rs 19:3; Rt 1:11). Uma “mãe” (‘em) é a mulher que fica grávida, que carrega uma criança no ventre, e não apenas a que dá à luz. Quando relata que os filhos não nascidos de Rebeca lutavam dentro dela (Gn 25:22), a Bíblia usa o termo “filhos” (banim, plural de ben), mesma palavra usada para filhos nascidos.

O status de ambos, mulher grávida e nascituro, é mantido o mesmo antes e depois do nascimento: ela já é “mãe”, e o não nascido já é “filho”.

A mulher é chamada de “mãe” mesmo quando seu filho é abortado: “Ora, não seja ela como um aborto, que, saindo do ventre de sua mãe [‘em], tenha metade de sua carne já consumida” (Nm 12:12). Se um bebê morre antes de nascer, a mulher que o concebeu ainda é uma “mãe”.

Da mesma forma, no Novo Testamento, a mulher já é chamada de “mãe” (mētēr) mesmo quando seu bebê ainda não nasceu: Maria estava no início da gravidez quando foi chamada de “a mãe [mētēr] do meu Senhor” (Lc 1:43). Isabel “concebeu um filho [huiós] na sua velhice” (Lc 1:36). O que é concebido, antes do nascimento, já é chamado de “filho” (huiós), e o que nasce também: “A Isabel cumpriu-se o tempo de dar à luz, e teve um filho [huiós]” (Lc 1:57; cf. At 7:29).

2.3. Os Nascituros e os Nascidos são igualmente “Crianças”

No Antigo Testamento, em Ex 21:22, o nascituro é chamado de yeled, uma palavra comum para uma criança nascida viva, um filho: “Se homens brigarem e ferirem uma mulher grávida, e ela der à luz prematuramente [em hebraico, “e saírem as crianças dela”], não havendo, porém, nenhum dano sério, o ofensor pagará a indenização que o marido daquela mulher exigir, conforme a determinação dos juízes” (Êx 21:22 NVI).

A palavra hebraica yeled geralmente designa a criança de maneira genérica, mas pode referir-se também ao recém-nascido (Ex 1:18), ao filho que foi desmamado (Gn 21:8), ao adolescente (Gn 21:15; 37:30), aos jovens (2Rs 2:24; Dn 1:4, 10, 15, 17), aos adultos, e aos descendentes (Is 29:23).

Apesar de yeled também ser usada para designar os filhotes de animais (Jó 38:41, 39:3, Is 11:7), o abundante uso dessa palavra para se referir aos seres humanos na Bíblia indica que o não nascido também é uma pessoa. Ao identificar o nascituro como um yeled, Ex 21:22 sugere a humanidade e a personalidade do não nascido.

No relato do infanticídio de Ex 1:16-17, Faraó mandou matar os filhos (ben) recém-nascidos dos hebreus, mas as parteiras deixaram viver os meninos (yeled). Ao recontar essa história, o Novo Testamento chama essas crianças de bréphos. Todos esses termos também são usados para nascituros na Bíblia: como os já nascidos, os não nascidos também são ben, yeled e bréphos.

Até o bebê abortado, ou que nasceu morto e nunca viu a luz, é chamado de “criança” (hebraico ‘olel; ou nēpios, na LXX): “ou, como aborto oculto, eu não existiria, como crianças [‘olel] que nunca viram a luz” (Jó 3:16). A palavra hebraica ‘olel sempre se refere a indivíduos humanos (1Sm 15:3; 22:19; 2Rs 8:12; Sl 8:2; 17:14; 137:9; Is 13:16; Jr 6:11; 9:21; 44:7; Lm 1:5; 2:11, 19, 20; 4:4; Os 13:16; Jl 2:16; Mq 2:9; Na 3:10).

No Novo Testamento, João Batista é chamado de “criança” (bréphos) no ventre (Lc 1:41, 44), e Jesus já nascido também é chamado de “criança” (bréphos) (Lc 2:12, 16). As crianças abençoadas por Jesus (Lc 18:15), e os recém-nascidos mortos por Faraó (At 7:19) também são “crianças” (bréphos). Nascidos e não nascidos recebem a mesma designação no Novo Testamento.

2.4. O Desenvolvimento do Nascituro é Obra de Deus

A Bíblia nunca fala da vida no ventre como mera atividade química ou algo vago, em vez disso, o nascituro no ventre materno é descrito em linguagem vívida e pessoal, como um ser humano sendo modelado, formado, e tecido pelo próprio de Deus (Sl 139:13-16). Como relata Jó a respeito de sua formação no ventre: “De pele e carne me vestiste e de ossos e tendões me entreteceste” (Jó 10:11). Até o início do processo é atribuído a Deus: o Senhor deu a concepção para Rute (Rt 4:13).

Analisando textos do Antigo Testamento que se referem à existência intrauterina, alguns verbos se destacam, como *asah* e *yatsar*, por exemplo: As tuas mãos me plasmaram e me aperfeiçoaram [*asah*]; [...] me formaste [*asah*] como em barro (Jó 10:8-9). Aquele que me formou [*asah*] no ventre materno não os fez [*asah*] também a eles? Ou não é o mesmo que nos formou na madre? (Jó 31:15). As tuas mãos me fizeram [*asah*] e me afeiçoaram [...] (Sl 119:73). Assim diz o SENHOR, que te criou [*asah*], e te formou [*yatsar*] desde o ventre [...] (Is 44:2). [...] o mesmo que te formou [*yatsar*] desde o ventre materno [...]” (Is 44:24; cf. 49:5)

Curiosamente, no relato da criação, quando Deus disse “façamos [*asah*] o homem à nossa imagem” (Gn 1:26, cf. 1:31, 2:18), e quando relata que “formou [*yatsar*] o SENHOR Deus ao homem do pó da terra [...]” (Gn 2:7), a Bíblia usa os mesmos verbos destacados acima. Ou seja, assim como Deus formou Adão do pó da terra, ele também está ativamente envolvido na formação do feto no útero. Na criação de Eva, o verbo hebraico utilizado é *banah*, mesmo verbo utilizado para referir-se ao(s) filho(s) que Abraão teria com Hagar (Gn 16:2), e aos filhos nascidos através da lei do levirato (Dt 25:9). Assim, a vida intrauterina é descrita como obra de Deus. Deus é o que forma “desde o ventre” (Is 44:2, 24; 49:5), chama desde o ventre (Is 49:1). É Deus quem sustenta no ventre e tira do ventre (Sl 22:9, 71:6).

Uma pergunta importante é: os autores bíblicos tinham palavras mais adequadas para falar dos nascituros? Será que a Bíblia usa esses termos por falta de opções melhores? O hebraico bíblico apresenta pelo menos duas palavras mais específicas para usar: o embrião

pode ser designado por golem, como no Sl 139:16, e o feto natimorto por nephel, como em Sl 58:8; Ec 6:3 e Jó 3:16.

Levando em conta o hebraico e o grego extrabíblicos, percebe-se que havia palavras e expressões mais específicas à disposição. Em grego, por exemplo, *embryo* especificaria um feto, enquanto *téknon*, *paidíon*, e *nēpios* seriam expressões mais específicas para crianças já nascidas, ao contrário de *brephos*, que é um termo genérico. O hebraico, bíblico e pós-bíblico, possui pelo menos seis palavras para se referir ao feto ou ao nascituro (FULLER, 1994, p. 178-179).

Além de descrever o nascituro com expressões mais gerais, associadas a pessoas, seres humanos, a Bíblia vincula o nascituro a outras expressões, pensamentos e ideias que o equiparam a uma pessoa humana completa. Mesmo se não houvesse palavras alternativas para falar sobre a vida intrauterina, no mínimo, os escritores bíblicos não vinculariam o nascituro às características humanas se de fato eles não acreditassem que o nascituro fosse um ser humano.

Por que a Bíblia emprega essa linguagem geral? Por que não usou termos técnicos mais precisos para se referir ao embrião ou ao feto? Não podemos ter completa certeza a respeito dos motivos pelos quais os autores bíblicos escolheram uma determinada palavra em vez de outra, mas há aqui uma evidência que não pode ser desprezada.

2.5. As Mortes dos Nascituros e dos Nascidos dão Maldições Equivalentes

Os 9:11-16 é um texto onde Deus anuncia que provocaria, dentre outras coisas, abortos entre o povo de Efraim:

A glória de Efraim lhe fugirá como pássaro: nenhum nascimento, nenhuma gravidez, nenhuma concepção. Mesmo que criem filhos, porei de luto cada um deles. Ai deles quando eu me afastar! Vi Efraim, plantado num lugar agradável, como Tiro. Mas Efraim entregará seus filhos ao matador. “Ó Senhor, que darás a eles? Dá-lhes ventres que abortem e seios ressecados. “Toda a sua impiedade começou em Gilgal; de fato, ali eu os odiei. Por causa dos seus pecados, eu os expulsarei da minha terra. Não os amarei mais; todos os seus líderes são rebeldes. Efraim está ferido, sua raiz está seca, eles não produzem frutos. Mesmo que criem filhos, eu matarei sua querida prole” (Os 9:11-16 NVI).

Dessa forma, se o próprio Deus provoca a interrupção intencional da gravidez, isso poderia significar que o não nascido é menos que humano e legitimar o aborto intencional hoje? Alguns pontos merecem consideração.

O primeiro ponto a ser destacado é que aqui não se trata de uma mãe que decidiu livremente abortar seu filho, mas de uma ação divina. Nessa advertência, Deus avisa que abortos seriam provocados como um castigo, um juízo. O contrário dessa maldição é a bênção de Ex 23:26: “Em sua terra nenhuma grávida perderá o filho, nem haverá mulher estéril. Farei completar-se o tempo de duração da vida de vocês”.

Tomar um castigo divino como parâmetro para ações humanas hoje pode ser perigoso, e basta um exemplo para que isso fique claro: como punição divina, o filho gerado no adultério de Davi com Bate-Seba morreu uma semana depois do seu nascimento (2Sm 12:14-18). Sendo assim, o leitor contemporâneo estaria biblicamente autorizado a praticar o infanticídio em caso de adultério? Certamente, essa seria uma terrível interpretação desse texto.

O segundo ponto é que a morte de um nascituro está lado a lado com a morte de um filho já nascido. Não conceber, não manter uma gravidez, não dar à luz ou perder um filho já nascido

fazem parte de uma mesma maldição. E não há no texto de Os 9:11-16 nenhuma indicação clara de que Deus faz diferença significativa entre um filho no ventre ou fora dele:

“[...] não haverá nascimento, nem gravidez, nem concepção. Ainda que venham a criar seus filhos, eu os privarei deles, para que não fique nenhum homem.” (Os 9:11-12); “[...] Dá-lhes ventres que abortem e seios ressecados” (Os 9:14 [NVI], ou “madre que aborte” [ACF e AA]); “Ferido está Efraim, secaram-se as suas raízes; não dará fruto; ainda que gere filhos, eu matarei os mais queridos do seu ventre” (Os 9:16).

Assim, em vez de apresentar o não nascido como algo menos que humano e legitimar a prática do aborto, esse texto sugere que o nascituro tem um status humano semelhante ao de um filho já nascido.

Não conceber, não manter uma gravidez, não dar à luz ou perder um filho já nascido fazem parte de uma mesma maldição, e a perda de um filho no ventre é apresentada lado a lado com a perda de um filho já nascido.

3. O Status do Não Nascido em Êxodo 21:22-23

Um dos textos mais disputados quando se discute o status do nascituro e o aborto é Ex 21:22-23. As diferentes interpretações já podem ser vistas ao se comparar algumas versões do texto: trata-se de um aborto ou de um nascimento prematuro?

“Se homens brigarem, e ferirem mulher grávida, e forem causa de que aborte, porém sem maior dano, aquele que feriu será obrigado a indenizar segundo o que lhe exigir o marido da mulher; e pagará como os juízes lhe determinarem. Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, [...]” (versão ARA, ênfase acrescentada).

“Se homens brigarem e ferirem uma mulher grávida, e ela der à luz prematuramente, não havendo, porém, nenhum dano sério, o ofensor pagará a indenização que o marido daquela mulher exigir, conforme a determinação dos juízes. Mas, se houver danos graves, a pena será vida por vida, [...]” (versão NVI, ênfase acrescentada).

A versão ARA sustenta que esta passagem trata de um caso de aborto provocado por um ferimento acidental de uma mulher grávida. A lei exigiria apenas uma indenização pela perda do feto, mas se a mãe sofresse qualquer dano mais sério ou morresse, a *lex talionis* (“vida por vida”) ser executada. Visto desta forma, esse texto diferencia o feto e a mãe, tratando apenas a mãe como um ser humano, e considerando apenas a morte da mãe como assassinato. Assim, já que o feto não é considerado plenamente humano, o aborto não deveria ser equiparado ao assassinato.

Por outro lado, a versão NVI sugere que o texto está falando do nascimento prematuro de um bebê vivo, pelo qual uma indenização deveria ser paga. Mas houvesse maior dano (ferimento ou morte) à mãe ou ao feto, a *lex talionis* deveria ser aplicada. Nessa interpretação, o feto tem o mesmo status de sua mãe, e esse texto não daria apoio à legitimação do aborto.

Não será feita aqui uma análise exegética desse texto, apenas algumas observações a partir de uma leitura atenta do texto.

3.1. O Verbo “Sair” não significa “Aborto”

Ex 21:22 diz literalmente que as crianças saíram da mulher (usando o verbo *yatsa*). Ou seja, as crianças apenas saem, nascem prematuramente, o texto não diz nada sobre elas estarem

mortas. Sozinho, *yatsa'* é usado para descrever nascimentos de crianças vivas (Gn 25:25-26; 38:28-30), não para descrever abortos. Há um verbo hebraico mais específico para “abortar” (*shakal*, Ex 23:26), mas ele não é usado em Ex 21:22-23.

Numa das poucas ocorrências de *yatsa'* relacionado a um aborto, em Nm 12:12, o autor faz questão de explicar que o bebê “saiu” morto (o texto diz literalmente que “aquele que é morto” saiu do ventre): “Ora, não seja ela como um morto [*muth*], que, saindo [*yatsa'*] do ventre de sua mãe, tenha metade da sua carne já consumida” (Nm 12:12 ARC). Essa é uma evidência de que o sentido natural de “uma criança saiu” é um nascimento de um bebê vivo, exigindo complemento e explicação em caso contrário.

Em Nm 12:12, não descobrimos que a criança está morta a partir do verbo “sair” (*yatsa'*), mas o texto tem que dizer isso claramente usando o particípio do verbo “morrer” (*muth*). O mesmo acontece em Jó 3:11: “Por que não morri [*muth*] eu na madre? Por que não expirei ao sair [*yatsa'*] dela?” Ou seja, se *yatsa'* nunca significa aborto na Bíblia, por que entender isso em Ex 21:22?

Yatsa', inclusive, é usado para retratar o surgimento de vida, como, por exemplo: na criação (Gn 1:24), na promessa do nascimento de Isaque (Gn 15:4), no nascimento de Esaú e Jacó (Gn 25:25-26), no nascimento de Salomão (1Rs 8:19), nos filhos de Ezequias (2Rs 20:18), no nascimento de Jeremias (Jr 1:5).

3.2. O que sai é uma Criança Viva, não um Aborto

Ex 21:22 refere-se aos nascituros/nascidos com uma palavra comum para uma criança viva, um filho (*yeled*), e não com a palavra usada para descrever um feto nascido morto (*nephel*, como em Jó 3:16 e Sl 58:8).

A combinação de “sair” (*yatsa'*) com “criança” (*yeled*) em Ex 21:22 indica que a criança nasceu viva, pois, em seus sentidos mais simples, *yeled* não é uma criança que nasceu morta, e *yatsa'* não é um aborto.

Por que entender a “saída das crianças” como aborto em Ex 21:22, se existem palavras hebraicas mais específicas para isso (como o substantivo *nephel* e o verbo *shakal*)? Se o autor tinha em seu vocabulário palavras específicas para descrever um aborto (como usou em Ex 23:26; Gn 31:38; Jó 3:16; 21:20), por que teríamos que forçar um sentido único, diferente, exclusivo aqui em Ex 21:22? Ou, por outra via: se o autor usou em Ex 21:22 as mesmas palavras que usou em outros lugares para falar de crianças nascidas vivas, por que só em Ex 21:22 o significado deve ser aborto?

3.3. O “Dano” é Aplicado Tanto à Grávida Quanto aos Filhos no Ventre

Ex 21:22 diz literalmente que as crianças saiam dela “mas não existe dano”, ou “mas não ocorre dano”. O “dano” (*'ason*) que não ocorre se refere à criança e à mãe, portanto, não houve aborto. A palavra *'ason* é usada na Bíblia apenas em Gênesis 42:4, 38; e 44:29, onde Jacó revela seu medo de que algum mal (*'ason*) aconteça a seu filho caçula, Benjamim. É curioso que na única ocorrência de *'ason* no Antigo Testamento, além de Ex 21:22-23, o termo esteja inserido no relato onde um pai não quer se separar de um filho, por medo de que algum dano (possivelmente a morte) lhe ocorra. Ao usar a mesma expressão com relação ao nascituro, Ex 21:22-23 indica que o feto era reconhecido como uma criança e alvo das mesmas preocupações e direitos que os filhos já nascidos.

As versões que interpretam que Ex 21:22-23 está falando de um aborto tiveram que inserir palavras nessa sentença, como se pode ver a seguir (ênfases acrescentadas):

[...] porém sem maior dano [...] (ARA). [...] mas sem maior prejuízo para a sua saúde [...] (NTLH). [...] não resultando, porém, outro dano [...] (AA). [...] porém não havendo outro dano” (ACF).

Nenhuma dessas palavras destacadas está no texto hebraico. Todas essas versões assumem que os fetos foram abortados, e por isso inserem as expressões destacadas (“maior”, “para a sua saúde”, e “outro”). A inserção de “para a sua [da mãe] saúde” implica que a não-ocorrência do dano estaria se referindo apenas à mãe e não às crianças. Entretanto, a posição da palavra ’ason na sentença em hebraico indica que ela se pode se referir tanto às crianças quanto à sua mãe. Numa leitura natural, as crianças não estariam isoladas do “mas não ocorre dano”, portanto a inserção de “para a sua [da mãe] saúde” é injustificada.

Por sua vez, a inserção das palavras “outro” e “maior” implica que, na interpretação dos tradutores, algum dano já havia ocorrido: o suposto aborto. Mas o texto hebraico diz apenas que nenhum ’ason (dano) ocorre, e não indica que a saída da criança já havia sido em si um dano. A leitura mais natural do texto sugere que as crianças saíram prematuramente, mas tanto elas quanto a mãe estão sem dano.

O dano ocorre apenas no verso 23 (literalmente, “mas se ’ason ocorre”), sem indicar que se trata de um dano apenas à mãe, ou um dano a mais. Dentre as versões em português analisadas aqui, a NVI transmitiu um pouco melhor a essência do que está escrito em hebraico: “não havendo, porém, nenhum dano sério”, mesmo inserindo a palavra “sério”, que também não está no texto hebraico.

3.4. Esse texto trata de um Aborto Intencional

Essa lei de Ex 21:22-23 não se refere ao caso de uma mãe que resolve matar o próprio filho. Ainda que fosse considerada correta a interpretação que vê um aborto em Ex 21:22, seria um aborto causado por outra pessoa, contra a vontade da grávida (ou independentemente dela). Mesmo nessa interpretação, esse texto não serve como uma descrição do não nascido como algo menos que humano e nem como defesa do aborto intencional.

A evidência textual sugere que Ex 21:22-23 fala de um nascimento prematuro provocado por uma briga, e pelo qual uma indenização deve ser paga. E se a agressão provocasse ferimento ou morte da mãe ou da criança, a lex talionis deveria ser aplicada. Em vez de fazer uma diferenciação entre o feto e a mãe, tratando apenas a mãe como ser humano, Ex 21:22-23 trata o feto ser humano de valor igual ao de sua mãe.

3.5. O Pagamento de Indenização e o Status do Ser Humano

Provocar um nascimento prematuro numa grávida entra nos casos de ferimentos não mortais, com direito à indenização. Faz sentido alguém pagar por golpear uma grávida e a fazer parir antes da hora.

A indenização para o nascimento prematuro provocado por uma agressão é justificada porque bebês nascidos prematuramente exigem cuidados especiais, além dos eventuais prejuízos para a integridade física da mãe que teve que dar à luz em circunstâncias adversas, antes do previsto. Por isso a indenização deveria ser estabelecida, ela não tem valor fixo: depende do que vai acontecer com a mãe, das despesas com o prematuro, e outros fatores.

Contudo, mesmo se a versão ARA (que vê um aborto em Ex 21:22) estivesse correta, e uma indenização financeira fosse a punição por causar a morte de um nascituro, em vez da pena de morte, isso não significaria que o nascituro não é uma pessoa humana. As diferentes penalidades não indicam necessariamente nada sobre a personalidade e a condição humana das vítimas. A lei também não exigia a pena de morte em casos de morte acidental de alguém já nascido (Ex 21:13), e havia a punição mais branda no caso de um dono de escravo que matasse seu escravo (Ex 21:20-21). A punição por matar um escravo era diferente da punição por matar um livre, mas isso não significa que o escravo não é pessoa humana. A diferença era o status legal, não o status moral ou a natureza humana do escravo.

Ademais, Ex 21:22-23 não especifica a idade do feto, portanto, o status do nascituro é o mesmo durante toda a gravidez. Esse fato causa uma dificuldade para quem usa uma leitura particular de Ex 21:22-23 para justificar legislações favoráveis ao aborto hoje: não há aí nenhuma diferença entre um feto de 12 semanas e um bebê a poucos minutos de nascer. Portanto, nesse caso, um bebê de 42 semanas também não seria uma pessoa humana, e matá-lo não poderia ser considerado mais grave ou mais errado.

Mesmo se o texto estiver falando de um aborto acidental (como sugere a ARA), a exigência de uma indenização dos culpados da tragédia mostra que a morte de um feto não é aceitável, não é para se tornar algo normal, corriqueiro. Se um aborto acidental resulta em punição do culpado, quanto mais grave seria a morte intencional de um feto? Parece inadequado usar esta passagem para descrever o não nascido como não-humano e sancionar o aborto intencional de uma criança.

4. O Status do Não Nascido em Números 5:22

Nm 5:22 texto faz parte da lei a respeito do que fazer com uma mulher casada sob suspeita de adultério (Nm 5:12-31). Trata-se de um teste no qual a mulher, sob juramento, bebia uma água amaldiçoada: “e esta água amaldiçoante penetre nas tuas entranhas, para te fazer inchar o ventre e te fazer descair a coxa. Então, a mulher dirá: Amém! Amém!” (Nm 5:22).

Alguns entendem que essa água, além de deixar a mulher infértil, provocaria um aborto do filho gerado no adultério (a expressão eufemística “inchar o ventre e te fazer descair a coxa” significaria isso), isto indicaria que Deus estaria aprovando o aborto de filhos indesejados.

Esse texto não é claro com respeito ao que aconteceria com uma mulher adúltera grávida, e o aborto pode ser apenas inferido como um possível resultado. Mesmo assim, trata-se de uma severa punição imposta à mulher, não um ato de livre escolha individual. Se o caso for mesmo de um aborto, ele seria um juízo divino, como os nascituros abortados em Os 9:11-16, e como a morte do filho de Davi com Bate-Seba (2Sm 12:13-14). Utilizar um aborto provocado por um castigo divino para justificar o aborto por conveniência hoje é tão errado quanto usar a morte de crianças em juízos divinos para justificar o infanticídio hoje.

Além disso, esse texto não reflete um padrão bíblico a respeito da gravidez fruto de uma relação ilícita. Bate-Seba reconheceu que havia ficado grávida por causa do adultério (2Sm 11:5), mas o filho não foi abortado (essa hipótese nem aparece no relato). As filhas de Ló engravidaram por uma relação incestuosa com o próprio pai (Gn 19:36), mas não houve intervenção divina e nenhuma sugestão no texto para que os filhos fossem abortados.

5. O Status das Crianças em Números

Esse texto também poderia indicar que a vida humana era considerada apenas depois do primeiro mês após o nascimento, pois as crianças recém-nascidas eram ignoradas na contagem dos primogênitos: “E o Senhor disse a Moisés: Conte todos os primeiros filhos dos israelitas, do sexo masculino, de um mês de idade para cima e faça uma relação de seus nomes” (Nm 3:40; cf. 3:15).

Uma inferência possível, a partir desse texto, seria: se uma criança recém-nascida era considerada dessa forma, quão menos importante seria uma criança ainda no ventre?

No entanto, interpretar esse texto assim abre portas para o infanticídio, pois bebês poderiam ser descartados com até um mês de nascimento, já que não seriam pessoas no sentido pleno. Dificilmente um cristão estaria disposto a argumentar nesse sentido, mas essa é a consequência lógica de usar esse texto para descrever um não nascido como menos que humano e justificar o aborto.

Na verdade, esse texto está falando da idade limite para que um primogênito fosse resgatado e cerimonialmente substituído por um levita: “Eis que tenho eu tomado os levitas do meio dos filhos de Israel, em lugar de todo primogênito que abre a madre, entre os filhos de Israel; e os levitas serão meus” (Nm 3:12). Os primogênitos eram permutados pelos levitas com um mês de idade (Nm 3:45-47; 18:15-16). Portanto, essa não é uma questão referente ao status moral do bebê, mas a uma questão legal cerimonial relativa ao resgate dos primogênitos.

6. Considerações Finais

A análise da evidência bíblica revela uma linguagem que se refere ao homem como plenamente humano mesmo antes do nascimento. Deus chama, consagra, sustenta, forma, molda o nascituro. Mesmo no ventre, ele recebe a atenção e o cuidado de Deus. E a Bíblia jamais o descreve como uma “coisa” inanimada ou sub-humana, pelo contrário: dedica-lhe textos poéticos, proféticos e históricos, com adjetivos, substantivos e verbos igualmente usados para seres humanos já nascidos.

É temerário concluir que o nascituro não é considerado uma vida humana na Bíblia, pois nela ele tem individualidade como a de um nascido, é chamado de “filho” e de Deus e em linguagem pessoal, e sua morte é uma maldição equivalente à morte de um nascido.

Na Bíblia, portanto, o que foi concebido e vive no ventre materno é um “filho”, uma “criança”, e a mulher em cujo ventre esse pequeno ser vive é uma “mãe”. Mesmo que a criança ainda não tenha nascido, e mesmo que morra antes do nascimento, ela é “filho” e “criança”, e a mulher que a concebeu é uma “mãe”.

Essas expressões mostram que o nascituro na Bíblia é identificado por termos distintamente humanos, e tal linguagem sugere que não há diferença essencial entre o nascido e o não nascido, pois a Bíblia usa exatamente os mesmos termos para ambos. Portanto, diante dessas evidências, é possível concluir que a Bíblia sugere que nascituros e nascidos partilham da mesma natureza, e que a vida no ventre materno é vida humana.

Referências

ABORTION COMMITTEE REPORT. **Interruption of Pregnancy (Recommendations to SDA Medical Institutions): Statement of Principles**. 21 jun 1971. Disponível em: <https://ellenwhite.org/media/document/9549>. Acesso em 21/12/2020.

ANDREWS, J.N. (ed.). **A Few Words Concerning a Great Sin**. Advent Review and Sabbath Herald, 30 nov. 1869

ARA. **A Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (eds.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. 3 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1990. BibleWorks, v.10.

BIBLEWORKS. **Bibleworks 10**. Versão 10.0.4.114. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2015.

BROWN, Francis; et al (eds.). **The Brown, Driver, Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.

DU PREEZ, Ron. The fetus in biblical law. **Ministry**, set 1992. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/1992/09/the-fetus-in-biblical-law>>. Acesso em: 18/12/2016.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5a. edição Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FRIBERG, Timothy; et al (eds.). **Analytical Lexicon to the Greek New Testament**. Grand Rapids: Baker, 2000. BibleWorks, v.10.

FULLER, Russell. Exodus 21:22-23: The Miscarriage Interpretation and the Personhood of the Fetus. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 37, n. 2, 1994, (p. 169-184).

GINGRICH; F. W.; DANKER, F. W. (eds.). **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HOLLADAY, William. **A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.

IASD (ed.). **Declaração sobre a visão bíblica da vida intrauterina e suas implicações para o aborto**. 2019. Disponível em: <https://www.adventistas.org.br/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/aborto/>. Acesso em 22 set. 2021.

IASD (ed.). **Declarações da Igreja: aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

IASD (ed.). **Seventh-day Adventists Answer Questions On Doctrine**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1957. Disponível em:
<<http://www.sdanet.org/atissue/books/qod/>>. Acesso em 26/12/2016.

KELLOGG, J. H. **Man, the Masterpiece**. Battle Creek: Modern Medicine Publishing Company, 1894.

KIS, Miroslav. Estilo de vida e conduta cristã. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

NESTLE, E.; ALAND, Kurt (eds.). **Novum Testamentum Graece**. 28 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ROCK, Calvin B. Casamento e família. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

SAMOJLUK, Nic. **From Pro-life to Pro-choice: The Dramatic Shift in Seventh-day Adventist's Attitudes Towards Abortion**. Tese (doutorado). Birmingham: Andrew Jackson University, 2006.

TODD, John. Fashionable Murder. **Advent Review and Sabbath Herald**, 25 jun. 1867.

WHITE, E. G. **Letter 16: To the Church at Roosevelt, New York**, 1861.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre o Regime Alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

WHITE, E. G. **Ciência do Bom Viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

WHITE, E. G. **Mensagens Escolhidas**, v. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

WHITE, E. G. **O Lar Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, James (ed.). **A Solemn Appeal**. Battle Creek: Stem Press, 1870.